

HISTÓRIAS DO PAMPA: COMO A ARQUEOLOGIA E A EXTENSÃO CONECTAM UNIVERSIDADE E COMUNIDADE

VIVIAN LIMA DA SILVA¹; TALITA BORGES FERREIRA²; GABRIEL ANGELO
CARDOSO SOARES³; RAFAEL GUEDES MILHEIRA⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – limadasilvavivian00@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – talitaborgesferreira19@gmail.com

³ Instituto Federal Sul-rio-grandense – angelosueded@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – milheiraraafael@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se baseia no projeto interdisciplinar “Múltiplas percepções sobre o Bioma Pampa: contribuindo para sua sustentabilidade”, desenvolvido no âmbito do Laboratório de Arqueologia LEPAARQ-UFPEL.

O projeto busca discutir com diferentes públicos, como o bioma pampa tem sido afetado por transformações climáticas, gerando perda de sua biodiversidade. O propósito é dialogar com a população por meio de exposições, visitas guiadas ao laboratório e ao contato com o público, para expor soluções sustentáveis.

Um segundo objetivo é refletir com a população, abrangendo a perspectiva arqueológica sobre os artefatos e a etnohistória das populações indígenas da região sul do Brasil em função de seu modo de vida sustentável.

2. METODOLOGIA

Conforme PRATES, VIANA e LANDIM (2017) a extensão universitária representa a oportunidade de que o ensino e a pesquisa se orientem pela sociedade e por suas transformações, tendo nela sua origem e a ela retornando. Dessa forma, a extensão funciona como o elo que permite à universidade interagir com o contexto social no qual está inserida. Partindo desse pressuposto, começamos a discutir como foi efetuado as nossas ações expositivas em eventos públicos, que são centrados nessa transmissão de conhecimento e conscientização sobre questões ambientais.

Inicialmente, o primeiro evento do qual participamos foi a exposição “A terra fala: histórias e perspectivas indígenas para um mundo em crise”, sediada no Museu Carlos Ritter, que buscou destacar os conhecimentos etno-históricos e etnológicos. Esta exposição foi constituída a partir de mediações que tiveram o intuito de provocar reflexões sobre as populações indígenas do sul, contrapondo a visão de que seriam “atrasados” e questionando sua invisibilidade na sociedade ocidentalizada.

Além disso, constatamos, durante nossas mediações, como estudos sobre a indigeneidade demonstram que esses conhecimentos têm sido aplicados para prever e mitigar os efeitos das mudanças climáticas, evidenciando sua relevância e sofisticação. Como argumenta Ailton Krenak, é necessário repensar a relação com a natureza e os saberes indígenas, que oferecem perspectivas valiosas para enfrentar crises ambientais (KRENAK, 2021).

O museu foi organizado em dois módulos complementares, dispostos em salas diferentes em função de sua infraestrutura reduzida, de modo a possibilitar

a exposição completa do material, que ocorreu por meio de banners e artefatos arqueológicos.

Em sequência ao primeiro evento, ofertamos ações educativas às escolas da cidade com o intuito de promover uma visita guiada ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL). Durante a visita, realizamos uma palestra em formato de slides criativos, com o objetivo de cativar as crianças e incentivar sua curiosidade a partir de uma dinâmica de perguntas do tipo “verdadeiro ou falso” relacionadas ao conteúdo apresentado. Refletimos, ao longo da palestra, sobre as sabedorias e o modo de vida das populações que habitaram a região sul do Brasil, evidenciando suas diferentes formas de subsistência, organização e interação com o ambiente.

Na sequência, foram apresentados aos participantes materiais arqueológicos didáticos, explicados pela oradora, que representavam populações indígenas que estiveram presentes na região, tais como Caçadores-Coletores, Jê meridionais, Cerriteiros e Sambaquieiros. Finalizando a visita, foi apresentada nossa reserva técnica e ressaltada sua importância. Segundo Azevedo et al. (2020), a reserva técnica de um museu desempenha papel fundamental na conservação do acervo arqueológico, funcionando como um ambiente seguro e controlado para o armazenamento adequado dos objetos, prevenindo danos e deterioração. A autora destaca que “o acervo arqueológico sob responsabilidade de instituições de guarda e pesquisa deve ser preservado, uma vez que compõe o universo dos chamados bens patrimoniais”. Como forma de recordação da visita, entregamos desenhos que faziam referência ao que havia sido exposto na apresentação, estimulando os(as) participantes a se envolverem ainda mais com a temática.

A atuação junto ao projeto “Ruas de Lazer” em Pelotas teve como propósito interditar ruas específicas aos domingos, transformando-as em espaços destinados ao lazer da população. O evento é desenvolvido por meio de jogos educativos, exposições e manifestações culturais, que buscam criar esse lugar de conforto, enaltecendo a cultura e a educação. A finalidade é despertar o interesse da comunidade e incentivar práticas sustentáveis. Nesse contexto, fomos convidados a participar para realizar esse diálogo envolvendo os nossos focos de estudo arqueológico. A partir desse convite, realizamos uma curadoria de materiais arqueológicos com o objetivo de evidenciar como os modos de vida das populações estudadas anteriormente se relacionavam de maneira equilibrada com a natureza, sem causar impactos agressivos ao meio ambiente, em contraste com o nosso modo de vida ocidentalizado.

Ademais, durante os dois eventos do projeto, seguimos a padronização da organização dos stands, nos quais cada projeto ficava disposto lado a lado, em uma distância considerável ao longo da rua. Em vista disso, elaboramos uma mini exposição ao ar livre, com o apoio de uma mesa e o auxílio de um banner sobre a linha do tempo da história indígena, reutilizado da exposição “A terra fala: histórias e perspectivas indígenas para um mundo em crise”.

Nosso foco foi organizar a mesa de forma a destacar os artefatos, mas talvez os esforços não tenham sido suficientes, pois nosso stand foi pouco visitado. Entretanto, durante os diálogos com o público, destacou-se o quanto eles(as) também tinham a oferecer, conforme a conversa fluía. Houve curiosidade sobre como eram utilizadas as tecnologias indígenas, além do interesse em indicar lugares que acreditavam ser sítios arqueológicos ou em relatar a posse de heranças de família que associavam a materiais arqueológicos.

Dessa forma, para a sociedade e para os estudantes, a extensão se configura como uma prática contínua de ensino. Sua natureza de via de mão dupla evidencia-se no ato de ensinar e aprender simultaneamente. Isso pode ser observado nas ações de extensão em comunidades, nas quais os estudantes compartilham conhecimentos e, em contrapartida, aprendem com os saberes locais, estabelecendo uma verdadeira troca mediada pelo ensino (BIONDI; ALVES, 2011).

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Até o momento, a ação de extensão possibilitou uma interação significativa entre comunidade e universidade, promovendo a troca de saberes e desmistificando conceitos relacionados à arqueologia e às práticas de preservação do patrimônio. Durante as atividades, observou-se a curiosidade das pessoas com as tecnologias apresentadas e utilizadas no enfrentamento das mudanças climáticas. Esse contato despertou reflexões sobre como a ciência indígena pode oferecer alternativas eficazes para lidar com os desafios ambientais que afetam diretamente suas realidades.

Outro impacto relevante foi percebido entre as crianças, que muitas vezes tinham uma visão distorcida sobre a profissão de arqueólogo, imaginando-a de forma fantasiosa ou baseada em referências romantizadas. As atividades permitiram esclarecer a importância do trabalho científico e ético da arqueologia, fortalecendo uma compreensão mais realista e valorizada da carreira.

No entanto, também se identificou certo desinteresse em alguns momentos da ação, especialmente no estande de arqueologia do projeto “Ruas de lazer”. Esse aspecto revelou não apenas a necessidade de repensar estratégias de mediação e de apresentação do conteúdo, mas também a presença de visões preconceituosas em relação à temática, sobretudo quando envolvia a valorização da cultura indígena. Essa postura de alguns visitantes demonstrou a persistência de estigmas sociais e culturais que ainda cercam os povos originários, reforçando a importância de promover essas ações extensionistas que desconstruam preconceitos e ampliam a compreensão da diversidade cultural brasileira. Assim, o desinteresse observado se converteu em uma reflexão, evidenciando a necessidade de tornar a abordagem mais inclusiva, interativa e capaz de gerar reflexão crítica entre os participantes.

Além disso, constatou-se o interesse de algumas pessoas, após vislumbrar direto com os artefatos expostos, o que revelou tanto a curiosidade pelo material arqueológico quanto a necessidade de reforçar a conscientização sobre a preservação e o valor coletivo desses bens culturais. Esse ponto mostrou-se essencial para a sensibilização da comunidade em relação ao patrimônio arqueológico, destacando a importância de mantê-lo acessível a todos de forma educativa e responsável.

No âmbito acadêmico, a ação proporcionou aos estudantes envolvidos a oportunidade de desenvolver habilidades de comunicação, mediação cultural e responsabilidade social. A experiência contribuiu para a formação profissional, uma vez que exigiu a adaptação da linguagem científica ao público leigo, além de fortalecer o senso de compromisso ético e comunitário na prática arqueológica.

4. CONSIDERAÇÕES

O trabalho desenvolvido a partir do projeto “Múltiplas percepções sobre o Bioma Pampa: contribuindo para sua sustentabilidade” evidencia a importância da extensão universitária como elo fundamental entre a universidade e a sociedade. As ações realizadas mostraram-se relevantes para aproximar a comunidade dos debates relacionados à arqueologia, ao patrimônio cultural e à sustentabilidade ambiental. Ao mesmo tempo, possibilitaram reflexões sobre a pertinência e a atualidade dos saberes indígenas frente aos desafios climáticos e sociais que vivenciamos.

Nesse sentido, diante dos objetivos propostos, a experiência não apenas ampliou a conscientização acerca dos modos de vida sustentáveis praticados historicamente pelas populações indígenas do sul do Brasil, mas também contribuiu para estimular a valorização da diversidade cultural e do patrimônio arqueológico como bens coletivos. Essas práticas extensionistas reforçam a necessidade de ressignificar a relação entre sociedade e natureza, contrapondo modelos predatórios e apontando alternativas já testadas por diferentes grupos humanos em seus contextos históricos.

Assim, pode-se afirmar que a iniciativa cumpriu de maneira significativa seu propósito de promover um diálogo entre a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, construindo uma via de mão dupla na qual tanto a universidade compartilha conhecimento quanto aprende com os saberes locais. Ao integrar patrimônio, arqueologia, cultura e sustentabilidade, o projeto contribuiu para fortalecer a preservação cultural e, ao mesmo tempo, para fomentar perspectivas mais críticas, reflexivas e inclusivas sobre a relação sociedade-natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Renata Libonati de; RAMOS, Ana Catarina Peregrino Torres; OLIVEIRA, Aliane Pereira de; et al. Um protocolo para a reserva técnica do LACOR/UFPE: conservação preventiva em acervos arqueológicos. VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v. 14, n. 2, p. 1-12, jul.-dez. 2020.

BIONDI, ALVES, A Extensão Universitária Na Formação De Estudantes Do Curso De Engenharia Florestal – Ufpr Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 26, janeiro a junho de 2011.

KRENK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ISBN 978-85-359-3358-1.

Prates, E. A. R.; Viana, H. B.; Prates, E. M. O.; & Landim, A. (2017). Ensino, pesquisa e extensão: indissociáveis? Lecturas: Educación Física y Deportes, 22(230).